



QUEM VÊ CLOSE, NÃO VÊ LAMA

El que ve de cerca, no ve barro

He who sees close, sees no mud

Clementino Luiz de Jesus Junior 

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: clementino.jr1@gmail.com.

Artigo recebido em 12/02/2023.

Aceito em 20/03/2023.



QUEM VÊ CLOSE, NÃO VÊ LAMA

Resumo: Os complexos de visualidade se fazem presentes em territórios transformados em zonas de sacrifício por conta de crimes ambientais previsíveis. Grandes corporações, com suas imagens em drones e poderio econômico para ocupar os meios de comunicação, impõe narrativas de um compromisso com a sustentabilidade e com eventual reparação as vítimas, bem distante da realidade presente nesses espaços. O presente artigo visa ilustrar a partir dos crimes ambientais causados por mineradoras em Mariana e Brumadinho como as evidências de racismo ambiental ficam submersas pela Lama de rejeitos tóxicos, e como o conflito socioambiental se desloca para os meios de comunicação.

Palavras-chave: Contravisualidade. Racismo Ambiental. Educação Ambiental. Cinema Ambiental Desde El Sur. Memória Portátil.

Resumen: Los complejos de visualidad están presentes en territorios transformados en zonas de sacrificio debido a delitos medioambientales previsibles. Las grandes corporaciones, con sus imágenes en drones y su poder económico para ocupar los medios de comunicación, imponen narrativas de compromiso con la sostenibilidad y la eventual reparación a las víctimas, muy alejadas de la realidad presente en estos espacios. El presente artículo pretende ilustrar, a partir de los crímenes ambientales causados por las empresas mineras en Mariana y Brumadinho, cómo la evidencia del racismo ambiental queda sumergida por el lodo de los relaves tóxicos, y cómo el conflicto socioambiental se traslada a los medios de comunicación.

Palabras-clave: Contravisualidad. Racismo Ambiental. Educación Ambiental. Cine Ambiental Desde El Sur. Memoria Portátil.

Abstract: The visibility complexes are present in territories transformed into sacrifice zones due to predictable environmental crimes. Large corporations, with their drone images and economic power to occupy the media, impose narratives of a commitment to sustainability and eventual reparation to the victims, far removed from the reality present in these spaces. This article aims to illustrate from the environmental crimes caused by mining companies in Mariana and Brumadinho how the evidence of environmental racism is submerged by the mud of toxic tailings, and how the socio-environmental conflict moves to the media.

Keywords: Countervisuality. Environmental Racism. Environmental Education. Environmental Cinema Desde El Sur. Portable Memory.

1 Introdução

O presente texto é fruto de uma tese acadêmica concluída em 2022¹, sobre um crime ambiental que se apresenta ao público 7 anos antes e se repete pouco depois, em dois municípios no estado de Minas Gerais – Mariana e Brumadinho – e que busca refletir como atingidas e atingidos podem se utilizar dos recursos audiovisuais para além da denúncia, propondo em vídeos uma educação ambiental desde el sur (KASSIADOU ET ALL, 2022) para ensinar próximas gerações a ter um olhar crítico ao que a máquina publicitária e corporativista propõe como melhorias, reparação e progresso às comunidades atingidas por barragens. Será

¹ Canto da lama – pedagogia e cinema desde el sur contra a necropolítica. Ver em referências.

apresentado em formato similar à um roteiro de cinema – com alguns cenários deste conflito socioambiental – e se discutirá o que está em jogo no uso da linguagem audiovisual na afirmação de Complexos de Visualidade e (MIRZOEFF, 2016), respectivamente por parte das mineradoras e de atingidas e atingidos.

2 Cena 1 - Ext/Dia - Bento Rodrigues

As redes sociais em 2015 ainda ensaiavam o impacto negativo que tiveram nas eleições e nos rumos do país nos anos seguintes. No dia 5 de novembro do mesmo ano um episódio mudou a dinâmica da internet após o rompimento da Barragem de Fundão, quando alertas foram encaminhados pelas mensagens privadas e grupos, e em função da não completa cobertura de transmissão de dados por telefonia celular na região, muitos cidadãos foram pegos de surpresa. Durante a fuga para algum lugar distante do mar de lama de rejeitos tóxicos da Barragem de Minérios das empresas SAMARCO, BHP BILLITON e VALE muitas das vítimas gravaram o episódio – inédito para eles – em meio ao medo e a necessidade de alerta e denúncia, mas de alguma maneira previsível para as empresas, que optaram em um perfil de barragem de risco, em uma zona de sacrifício (ACSELRAD, 2004) e onde estabeleceram nos últimos anos um controle da economia no território. O outrora município dormitório da vizinha cidade universitária e turística de Ouro Preto, e com boas experiências de soberania alimentar por parte dos quintais na área urbana e de fazendas e sítios produtivos, perdeu em minutos a qualidade agrícola, pecuária, pesqueira, e colocou em coma o Rio Doce, que a partir de seus afluentes levou o rastro do desastre até o litoral, cruzando os estados de Minas Gerais e Espírito Santo e chegando pelas águas até o arquipélago de Abrolhos na Bahia.

Casos como o da Aldeia Krenak que não faz mais os seus rituais no Rio Doce pela contaminação não circulam mais pelas redes, muito menos com imagens, que se fossem expostas denunciariam em simultâneo o racismo ambiental e um epistemicídio. Para Benjamim Chavis, racismo ambiental é:

a discriminação racial nas políticas ambientais. É discriminação racial no cumprimento dos regulamentos e leis. É discriminação racial no escolher deliberadamente comunidades de cor para depositar rejeitos tóxicos e instalar indústrias poluidoras. É discriminação racial no sancionar oficialmente a presença de venenos e poluentes que ameaçam as vidas nas comunidades de cor. E discriminação racial é excluir as pessoas de cor, historicamente, dos principais grupos ambientalistas, dos comitês de decisão, das comissões e das instâncias regulamentadoras. (CHAVIS, 1993, apud PORTO, 2013, p. 82)

As relações umbilicais dos moradores dos distritos mais atingidos de Mariana – em sua grande maioria negros² – como Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, umbigos que foram enterrados em pisos aos quais não lhes pertencem mais, além de memórias soterradas por lama tóxica, cujo material ativo emerge a cada chuva. Nestes dois locais restam ruínas das construções, o silêncio coberto pelos sons de cigarras, e árvores secas.

3 Cena 2 - Ext/Dia - Paracatu de Baixo

Todo feriado de 12 de outubro, Dia das Crianças e da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, os atingidos de Paracatu de Baixo voltam à igreja de Santo Antônio, a única construção que ficou de pé na região após a enxurrada de lama, para homenagear a santa.

A lenda da padroeira fala sobre a imagem em terracota de nossa senhora que foi tirada de um rio por pescadores, primeiro sua cabeça e depois o seu corpo, em um dia em que nada era pescado, e ao unir a cabeça ao corpo da imagem, as redes se encheram de peixes como não se viam a tempos, e que puderam acolher uma visita importante. A santa de tez negra – que alguns alegam ser por conta do período submerso no rio – tem nesses elementos – o rio e a lama – sua origem e, chega a ser metafórico, que a igreja onde os ex-moradores de Paracatu de Baixo voltam para celebrar permaneça com marcas de lama até o segundo pavimento, além do balcão, e na torre do sino. Os sinos desta vez não deram conta de alertar do perigo como no anúncio de grandes eventos, e nesse caso por pouco não ficou submerso.

A injustiça ambiental na região estimula aos atingidos recorrerem à fé como forma de se manterem firmes para que algo mude no quadro que lhes foi ofertado: serem reassentados em uma nova versão do distrito em uma localidade não muito distante. Essa "nova Paracatu", assim como a "nova Bento" tem outras características enquanto moradia e enquanto bairros, pensados por pessoas externas àquele cotidiano e preocupados em cumprir metas de reparação por parte da Fundação Renova, criada pelas mineradoras para administrar as ações indenizatórias, mas que cumpre outra função e busca ganhar tempo. Em 15 de setembro de 2021 foi feita a cerimônia do “Tijolo Fundamental” da Nova Paracatu, praticamente 6 anos depois do desastre tecnológico, e em uma obra à toque de caixa.

² Negros aqui como denominação do grupo da população formado entre “pretos e pardos”, como define o IBGE na classificação racial no Brasil.

No documentário A Padroeira (THE PATRON SAINT, 2020), uma das atingidas gravou uma oração à Nossa Senhora Aparecida aguardando “o reassentamento à Terra Prometida”, termo bíblico que dá um sentido de diáspora³ ao que acontece com os moradores desta e de outras regiões, que são transferidos compulsoriamente para a "sede", como chamam o centro do município, e onde não são bem-vistos por aqueles que vivem principalmente do movimento econômico vindo da exploração do minério na região. A denominação sede situa não apenas uma hierarquia entre moradores ou não deste espaço, mas principalmente um distanciamento – desejável ou não – para os que não moram ali.

4 Cena 3 - Ext/Dia - Zenital

Vários planos cinematográficos são possíveis para se contar uma história, ou construir visualmente uma narrativa. Mas com o surgimento dos drones como tecnologia de filmagem o plano que ganha maior destaque no conflito socioambiental, e na construção narrativa é o Zenital. Zênite é o ponto mais alto da vertical da relação do observador com o seu foco. A "perspectiva dos céus", patrocinada pela máquina de propaganda das grandes empresas de publicidade a serviço das mineradoras utiliza-se dentre outros deste recurso, para mostrar do alto, como uma perspectiva "celestial e divina" uma paisagem em rápida recuperação, com gramas verdes, mata recuperada, e obras em avanço para devolver uma nova normalidade a quem tudo perdeu enquanto posses.

No chão a maquiagem ambiental praticada pelas corporações tenta colocar cor onde a vida não habita da mesma maneira como o território vivia até o desastre tecnológico (PEREIRA, 2020). As SAMARCO, BHP BILLITON e VALE provocam este desastre tecnológico, que inunda o território, desocupa compulsoriamente espaços outrora habitados e que não serão restaurados com a finalidade de moradia, pois além de se consolidarem como zonas de sacrifício, podem se tornar disponíveis para novas ocupações pelas mesmas corporações que causaram o seu desaparecimento inclusive para fins de mineração. Em seguida as corporações acionam a máquina publicitária para divulgar as obras, que segundo eles estão em permanente avanço, para o país e impor uma imagem de empresas comprometidas com o

³ Diáspora remete à migração forçada do povo judeu de sua terra natal em alguns momentos da história como referenciado na Bíblia por exemplo, e é um termo utilizado para falar de outras migrações forçadas de outros povos, frutos de conflitos ou desastres.

meio ambiente e com os atingidos pela lama de rejeitos. A visão do que é chamado no audiovisual de “grande plano geral”, tem a capacidade de englobar o território e ver as pessoas, se estiverem ali, como formiguinhas e o terreno de maneira ampla e não detalhada. Os drones e suas imagens em planos zenitais e grandes planos gerais contribuem para a maquiagem de algo de não acontece no chão da maneira como se vê dos céus.

No chão de quem espera reparação por suas perdas ecossistêmicas (PEREIRA, 2020), aquelas que estão além das posses materiais e que fazem parte de suas existências, o plano detalhe é o que mais ilustra a dor. Ser afastado de onde plantou seu umbigo, suas lembranças e o início de seus planos de vida e se ver enquanto indivíduo e comunidade é um epistemicídio (CARNEIRO, 2005).

As novas versões dos distritos de Mariana e Barralunga que foram destruídos seguem em obras onde pouco foi o diálogo para pensar o local, o padrão das casas e o saneamento básico destas moradias. Os quintais que outrora possibilitavam hortas e os rios outrora livres de rejeitos tóxicos promoviam uma soberania alimentar, o que não é uma realidade dentro das casas projetadas como se fossem condomínios de classe média, com pouco espaço e distantes dos hábitos dos então moradores.

O “quadro” que se transforma em imagem para correr as redes, promovendo uma “sub” reparação por parte das mineradoras, com um “olhar divino” das imagens aéreas e o olhar terreno dos atingidos que foram deslocados de suas moradias pelo crime ambiental disputam de maneira desigual as telas da TV e dos computadores e celulares. E empresa que se apresenta ao público de forma engajada no intervalo do telejornal, promovendo ações sociais, distribuindo algum dinheiro para outras ações que trazem visibilidade às marcas que estão na justiça, e os moradores indignados, se utilizando de seus smartphones e da linguagem de luta dos movimentos sociais aos quais se uniram ou associações que criaram. A imagem da luta e da indignação não é agradável para o grande público.

5 Cena 4 - Ext/Dia - Brumadinho

Grande plano geral da Barragem Córrego do Feijão em Brumadinho. Câmera de monitoramento, ambiente tranquilo, funcionários da VALE trabalham. A calma é interrompida pelo rompimento da barragem, dessa vez flagrante nas próprias câmeras da empresa e foram as imagens utilizadas para fins judiciais, para notícia de um novo desastre tecnológico, que atingiu pessoas mais próximas em sua grande maioria: funcionários da própria

empresa. O impacto imediato dessas imagens fez de alguma maneira que as ações por parte da VALE fossem imediatas, se comparadas às do desastre ocorrido 3 anos e 2 meses antes.

Qualquer argumento ou uso da máquina publicitária a favor das mineradoras se fragilizou diante de um desastre onde o minério teve um menor impacto imediato na natureza, e de menor alcance, mas que foi mais letal, resultando em 270 mortos e 3 desaparecidos até janeiro de 2023.

Este desastre acontece, ao contrário do anterior, em uma nova conjuntura política. Na Barragem de Fundão fervilhava um golpe parlamentar que ocorreria meses depois, e a então presidente Dilma Roussef acompanhou o início do conflito ambiental gerado pelo desastre em um momento em que se via fragilizada politicamente. Em Brumadinho eram os primeiros dias do governo Bolsonaro que em um primeiro momento se mostrou atento à dimensão da tragédia, mas que não teve qualquer interferência com seu ministério de meio ambiente e sua equipe para, como disse no primeiro pronunciamento “minorar os danos e o sofrimento de familiares das ‘possíveis vítimas’”. Esta mesma conjuntura política persiste com a reeleição do governo estadual, onde o então governador de Minas Gerais, Romeu Zema tem se colocado, enquanto mediador, favorável às corporações.

O grande plano geral da destruição de uma barragem, equivalente à uma erupção vulcânica, não foi capaz de combater o já estabelecido complexo de visualidade. Para Nicholas Mirzoeff:

(...) a visualidade foi nomeada como tal em inglês por Thomas Carlyle, em 1840, para se referir ao que ele chamou a tradição da liderança heróica, que visualiza a história para sustentar a autoridade autocrática. Desta forma, visualizar é produzir visualidade, ou seja, é fazer os processos da história perceptíveis à autoridade. (MIRZOEFF, 2016, p. 3)

O *auctor* em si, para Mirzoeff, é o patriarca, a autoridade, o homem padrão, o que representa o poder hegemônico e, em um conflito como este, representa o poder dos empresários sobre os “primitivos”. Estabelecer “quem tem o direito a olhar” é definir a perspectiva dos poderosos com válida em meio a um conflito. Os atingidos serão os que tem os discursos e as perspectivas invalidadas, silenciadas e invisibilizadas.

Ainda segundo Mirzoeff (2016), na definição do complexo de visualidade na contemporaneidade, que no caso seria o complexo industrial-militar, fruto da guerra-fria, o *auctor* não apenas define o que é o conflito mas como se dará a batalha de maneira contrainsurgente, e em suas táticas de treinamentos paramilitares – no caso pensando conflitos como a guerra do Afeganistão – criam estratégias e traçam o treinamento de seus soldados a

partir de simuladores e de ambientes virtuais de videogames, usando joysticks que em nada se distanciam dos controles e das narrativas criadas pelos voos zenitais que mostram um horizonte não detalhado à opinião pública dos terrenos outrora soterrados pela lama.

Esta necropolítica é invisível para o insurgente e opera de acordo com o princípio de “ou você está conosco ou está com os terroristas”. Embora os militares dos EUA continuem a usar uma retórica moralizada no que se refere à construção da nação, sua administração prática da contrainsurgência tem se arreadado, recentemente, para a gestão de desastres por meio da matança daqueles designados insurgentes com veículos aéreos não tripulados (Unmanned Aerial Vehicles-UAV). Aqueles que controlam as máquinas geralmente estão localizados nos Estados Unidos, enquanto os UAV podem estar sobrevoando o Afeganistão, o Paquistão, ou o Iraque. (MIRZOEFF, 2016, p. 16)

A Necropolítica no caso é o que Achilles Mbembe (2016) define como o poder que o estado tem de definir quem pode e deve morrer. Quando se compara aqui o desastre ambiental tecnológico – porém previsível por parte das corporações envolvidas – à um combate ao terrorismo, trata-se de pensar como a perspectiva dominante determina nos dois casos quem são os personagens da narrativa que será construída e como esta será apresentada aos espectadores fora dos territórios envolvidos, como forma de justificar cada ação, o que mantém os complexos de visualidade em diálogo permanente com a necropolítica.

Se a visualidade impõe uma desumanização no olhar sobre a alteridade, e o lucro da mineração desumaniza ao tirar dessas pessoas seu sentimento de existência ao deslocá-los ou soterrá-los, como impor contra narrativas para confrontar a “autoridade” e restaurar as memórias e vivências para os que sobreviveram às tragédias e buscam, no mínimo, o retorno de uma possível normalidade para seguir novos planos de vida?

6 Cena 5 - Int/Dia - Olhando de volta

Os atingidos da SAMARCO/BHP BILLITON/VALE há 7 anos buscam visibilidade de suas demandas na mídia, na justiça, nos novos espaços onde sobrevivem compulsoriamente enquanto não são reassentados e indenizados. São vídeos denúncia de cada etapa da luta compartilhadas nas redes sociais. São muitas entrevistas à imprensa hegemônica e independente, para documentários feitos por cineastas fora da região, em sua maioria dando voz aos seus anseios, mas sem lhes dar protagonismo.

Enquanto a propaganda da mineração nos intervalos do horário nobre das principais emissoras de TV impõe uma imagem de compromisso, com a narrativa seguindo um padrão de

fácil absorção pelo grande público, quem sobreviveu à enxurrada de lama e a toda a onda de depressão que a luta desigual por seus direitos provoca, busca construir outras narrativas, sem acesso à linguagem padrão e às ferramentas que trazem uma imagem e som atraentes, locutores profissionais, e sem a óbvia influência econômica que as empresas ainda tem na região.

O autor desenvolveu durante a pesquisa de sua tese uma formação dialógica com 2 dos atingidos de distritos distintos de Mariana. Em 2018 foram captadas imagens das ruínas de Bento Rodrigues, do lago surgido a partir do dique S4, uma iniciativa que desapropriou pouco mais de 20 residências e inundou um trecho da Estrada Real para criar uma contenção para futuros acidentes, e da pequena central hidrelétrica de Bicas, que mesmo inativa se via com a estrutura danificada e com marcas de lama até o alto 3 anos depois do desastre. Essas imagens foram exibidas à distância para uma dupla de atingidos, um homem e uma mulher, e foi proposto de que a partir de suas vivências pessoais e daquelas imagens, eles propusessem uma forma de contar essa história em um curta-metragem que seria completado a partir de suas perspectivas. Era período de distanciamento social pela pandemia do Covid-19, então as reuniões de diálogo e formação – prática de operação de câmeras de smartphone – foram realizadas por vídeo conferência. O homem da dupla não se expressa verbalmente, mas resolveu resgatar seus tempos em que escrevia poesia na adolescência e propôs escrever um poema sobre seu distrito e outrora lar, Bento Rodrigues. A partir desta proposta foram apresentados exemplos como outros trabalhos feitos pelo autor que dialogavam com o cenário e informação escrita, um clipe antigo do cantor Bob Dylan onde ele soltava cartazes com a letra da canção enquanto esta era executada, e daí os 2 resolveram usar seus smartphones para fotografar essa poesia sendo expressa por cartazes em alguns dos mesmos cenários em 2022. Foi ensinado a eles a técnica de *tabletop*, onde a narrativa é construída a partir de fotografias, explorando o todo e partes, e assim foi criado um curta-metragem que tem o mesmo nome do poema “Quando Bento Era São”.

O filme, com uma trilha musical sensorial e dramática, é guiado pelo poema do atingido, pelas fotos da atingida, e pela montagem do autor que aqui escreve. Um processo em que a autoria é pensada fora do óbvio, mas permitindo uma compreensão das vozes e olhares que são do lugar. Uma educação ambiental que emerge do território que foi soterrado, não da lama. Uma possibilidade de trabalhar o audiovisual para uma educação ambiental engajada, ou como Kassiadou (2020) chama de educação ambiental desde el sur

aquela que busca sulear o ser, o saber, o poder e se contrapõe à colonialidade, em especial a pedagógica, pois ela emerge das lutas populares, encharcadas

do território, produtoras de pedagogias outras, emergentes, inovadoras e criativas que trabalham em uma perspectiva decolonial. (KASSIADOU ET AL, 2020 p.75).

O filme após finalizado já foi exibido publicamente no final de 2022, em um festival de cinema ambiental em Pernambuco, e deverá ser utilizado em atividades culturais e pedagógicas em Minas Gerais, em especial nas regiões que lutam contra os crimes ambientais causados pelas barragens de rejeito de minérios.

A contravisualidade segundo Mirzoeff (2016) é o direito a olhar de volta, de expor sua perspectiva outra que não a da autoridade ou do patriarcado. Quando Bento Era São é essa proposta de olhar de volta, sem cair no discurso do conflito, mas buscando nas memórias infantis e nas imagens da destruição causada pela imperícia da mineradora passar uma mensagem de maneira peculiar e poética. E poesia também pode fazer parte da luta.

7 Considerações finais

O *Close up* ou plano detalhe é aquele que está próximo do objeto filmado. O olhar de quem, mesmo com uma grossa camada de lama, pisa em sua terra e está próximo ao que era seu. Essa pessoa que levanta suas memórias é a mesma que narra sem voz a partir da escrita sua mensagem para que os jovens que serão criados e assentados nos novos distritos assentados tenham uma noção da história de seus familiares no território, e se percebam como pessoas novas em um mundo novo, mas onde certos valores e hábitos não serão herdados dentro dos novos formatos de moradia que serão oferecidos, que não chegam a metade das casas prontas, como o próprio vídeo da Fundação Renova⁴ publicado recentemente expõe. Neste mesmo vídeo se percebe um contraste por parte da mineradora, que leva alguns poucos atingidos que entraram em negociação para acelerar seu processo e não ficarem em moradias temporárias e com ajuda restrita, e as imagens distantes da comunidade contrastam com cenas desses personagens entrando em suas casas teoricamente prontas. Enquanto isso no vazio de Bento Rodrigues o morador traz em suas letras, nomes de pessoas que olhavam pelas crianças, descrevem cenários que já não são mais como o que restou após a enxurrada de lama de rejeitos tóxicos, uma vegetação com mato alto que esconde o volume de metais pesados absorvidos pela terra mas que se veem presentes a cada chuva, mas traz isso de maneira poética e performática, sem

⁴ Ver em <https://www.fundacaorenova.org>. Acesso em 11 de fevereiro de 2023.

qualquer orientação a tal pelo autor, cujo papel foi juntar o material – ainda em diálogo com a dupla – e transformar em um curta-metragem de 8 minutos com uma olhar vindo do território.

O cinema desde el sur percebe que os conflitos socioambientais têm uma diversidade de experiências. A imagem e som projetados para narrar essas histórias alcançam de maneira ampla diversos povos, diversas línguas, reforçando as afinidades que fazem cada indivíduo se entender como parte de uma comunidade, de um perfil, de um grupo, e com isso espelhando suas experiências para além de suas fronteiras, atingindo outras existências semelhantes às suas.

Quando as pessoas pretas e pobres se apropriam das ferramentas e criam autoria, o olhar de volta à autoridade vem de forma crítica e contundente, mesmo que em um formato fora do padrão, mas questionando os padrões. O audiovisual com as redes sociais pode chegar a locais e impactar outras pessoas, para que aconteça o que a atingida fala no filme *A Padroeira* (JUNIOR, 2020): “que barragem feita dessa forma, nunca mais”.

Referências bibliográficas

ACSELRAD, Henri. As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais. In: ACSELRAD, Henri. **Conflitos Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2004.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 365 f. Tese. (Doutorado em Filosofia e Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

JESUS JUNIOR, Clementino Luiz de. **A padroeira**. Rio de Janeiro: GEASur, 2020

JESUS JUNIOR, C.L. **Canto da lama - pedagogia e cinema desde el sur contra a necropolítica**. 2022. 166f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

KASSIADOU, Anne et al. **Educação Ambiental desde El Sur**. Macaé: Editora NUPEM, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. *Arte & Ensaios: Revista do PPGAV – UFRJ*, n. 32, dez. 2016.

MIRZOEFF, N. O direito a olhar. **Educação Temática Digital**, v. 18, n. 4, p. 745-768, 17 nov. 2016.

PEREIRA, Dulce Maria (org). **Perdas Ecológicas**: Barra Longa atingida pela ruptura da barragem de Fundão da SAMARCO/VALE/BHP BILLITON. Ouro Preto: Gráfica da UFOP, 2020. E-book.

PORTO, M. F.; PACHECO, T.; LEROY, J. P. **Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. E-book.

Clementino Luiz de Jesus Junior

Doutor em Educação (UNIRIO); Mestre em Educação (UERJ); Graduado em Desenho Industrial (UFRJ); Pesquisador do GEASur/UNIRIO; Cineasta; Educador audiovisual, Educador Ambiental. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0566-1583>.